

Tanto talento em tão pouco tempo O que diz Veleio Patérculo sobre outros autores

So much talent in such a short time
What Velleius Paterculus says about other authors

Jéssica Frutuoso Mello¹

0000-0001-7076-7985 

¹ Departamento de Letras Clássicas e Orientais, Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil.

Autor correspondente: jessicafrutuoso.m@gmail.com

Resumo. Propõe-se neste artigo uma análise dos trechos em que são abordados autores de diferentes gêneros na *História Romana*, obra da primeira metade do primeiro século de nossa era escrita por Veleio Patérculo. Ainda que o texto tenha sobrevivido em mau estado, e que o status de Veleio enquanto historiador tenha sido questionado, o seu trabalho tem-se revelado uma fonte relevante quanto ao período do final da República e início do Império Romano. Apresenta-se também como um dos poucos registros disponíveis sobre determinados autores cujas obras perderam-se total ou parcialmente ao longo do tempo, o que justifica o recorte aqui abordado. Utilizam-se nesta reflexão as proposições de Mario Citroni (2006a) sobre os cânones antigos e as listas e os critérios de seleção presentes em autores como Horácio e Quintiliano para discutir o que Veleio indica. Conclui-se que o historiador valoriza o *ingenium*, um talento natural, mas também é possível notar a importância dada à *ars* como meio para os autores atingirem a posição de glória, autoridade e imortalidade. Essa excelência, por sua vez, tornaria os textos difíceis de serem imitados por aqueles que vêm depois, exigindo destes mais empenho e fazendo com que os grandes talentos concentrem-se em curtos espaços de tempo.

Palavras-chave: Veleio Patérculo. História romana. Cânone literário. Ingenium. Ars.

Abstract. This article proposes an analysis of the passages in which authors of different genres are discussed in the *Roman History*, a work from the first half of the first century of our era, written by Velleius Paterculus. Although the text survived in poor condition, and Velleius' status as a historian has been questioned, his work has proven to be a relevant source on the period of the late Republic and early Roman Empire. It is also one of the few sources available on certain authors whose works have been totally or partially lost over time, which justifies the selection discussed here. We have used Mario Citroni's (2006a) propositions on the ancient canons, and the lists and selection criteria found in authors such as Horace and Quintilian to discuss what Velleius presents in his text. We conclude that the historian values *ingenium*, a natural talent, but it is also possible to note the importance given to *ars* as a means for authors to achieve a position of glory, authority and immortality. This excellence, in turn, would make the texts difficult to imitate by those who came after, demanding more commitment from them and causing the great talents to be concentrated in short spaces of time.

Keywords: Velleius Paterculus. Roman history. Literary canon. Ingenium. Ars.

1. Introdução

Veleio Patérculo é um autor romano, contemporâneo de Valério Máximo. O pouco que sabemos a seu respeito parte principalmente de sua única obra, a *História Romana*¹, a qual, infelizmente, chega até nós em mau estado. Nascido por volta do ano 20 antes da Era Comum, Veleio teria sido um militar de carreira ascendente, atuando em campanhas importantes sob o comando de Tibério, que o nomeará pretor em 15 EC (Citroni, 2006b, p. 675). Já a *História* teria sido publicada, muito provavelmente, no início da década de 30, em homenagem ao consulado de Marco Vinício, referência a partir da qual outros eventos são localizados historicamente no texto (*cf.*, por exemplo, 1.8.1), e o narrador também se dirige ao cônsul como se este fosse seu interlocutor direto (como em 1.13.5).

Vinicio casa-se com a sobrinha do imperador em 33, o que testemunha alguma proximidade de Veleio a figuras de poder. Isto, somado ao fato de que o autor por vezes dá a ideia de causalidade entre eventos que não se confirmam historicamente, fez com que Veleio tivesse seu status de historiador negado ao longo do tempo, argumentando-se, por exemplo, que sua proposta teria tons demasiado panegiristas. Mais recentemente, contudo, nota-se que o autor é uma importante fonte em relação ao período do final da República e início do Império (Domainko, 2018), e que sua abordagem dos eventos faz sentido dentro da organização interna da obra (Starr, 1980). Além disso, Raymond Starr (1981) aponta que a *História* seria um dos primeiros exemplos de um novo modelo de narrativa histórica, de caráter híbrido, que se adequava ao que Veleio se dedicou a fazer e a quem era seu público leitor presumido. Assim, ao menos parte das críticas que o autor tem recebido deriva da utilização de critérios que não necessariamente se aplicariam à especificidade da obra em questão.

Em termos de conteúdo, a *História Romana* engloba desde a fundação de colônias pelos heróis que teriam participado da Guerra de Troia até aos feitos romanos recentes em relação a seu momento de produção. Como o texto sobrevive em mau estado, perdemos parte considerável do primeiro livro, de modo que se presume que faltam sua dedicatória, algo mais sobre os heróis e suas colônias e também o intervalo entre a fundação de Roma e a Terceira Guerra Macedônica (Sánchez Manzano, 2001, p. 11). Apesar do título, *Historia Romana*, atribuído por Beato Renano (Starr, 1981, p. 162), responsável por sua descoberta em um mosteiro francês no século XVI, estudiosos, como Starr (1981), têm questionado sua adequação, indicando que Veleio aproxima-se ao que era considerado, à sua época, como história mundial.

Mesmo que não tenhamos um prefácio, em que Veleio, muito provavelmente, esclareceria suas intenções e métodos, como é de praxe em obras históricas – *cf. excerpt. rhet. Paris. 588–589* (*cf.* Cornell & Bispham, 2013) –, podemos ter contato com algo a respeito do que o autor pensa quanto a seu próprio trabalho ao longo do texto. Veleio explicita, de modo constante, seu compromisso com a *breuitas* (brevidade) e apela à benevolência de seu leitor devido à *festinatio* (pressa) a que é obrigado, como em 2.108.2,

¹ Todas as traduções são de minha responsabilidade a menos que expresso o contrário. As citações e traduções da *História Romana* partem da edição de C. Stegmann de Pritzwald (*Velleius Paterculus*, 1965). Para os nomes dos autores e das obras, busca-se utilizar as abreviaturas propostas, principalmente, no *Oxford Latin Dictionary* (Glare, 1968), como é corrente na área.

em que justifica que, apesar da pressa, não pode deixar de mencionar o rei Marobóduo, dos marcomanos², ou em 2.55.1, quando diz que é a brevidade que determina como abordará a morte de Pompeio, o Jovem.³

Em língua portuguesa, enquanto a obra aguarda uma tradução integral, Veleio Patérculo tem sido utilizado como fonte por estudiosos interessados em elementos como a representação de figuras específicas – principalmente Augusto e Tibério – e de questões relacionadas a seus governos (Campos, 2011; Campos, 2021; Gonçalves & Souza, 2020; Lopes, 2018; Souza, 2013), bem como item comparativo com outras obras (Leite, 2019).⁴ Aqui, abordaremos o que diz o autor a respeito de outros autores, com enfoque naqueles inseridos no campo da literatura.⁵

2. “Este assunto que frequentemente agita meu ânimo”: a apreciação de outros autores

De acordo com Mario Citroni (2006a, p. 210), algo que consideramos hoje como um cânone literário – ou seja, um tipo de lista em que não se pressupõe um caráter simplesmente catalográfico, mas uma indicação de modelos de escrita que confere a seus autores um status de autoridade – remonta aos grandes gramáticos da Biblioteca de Alexandria, que selecionavam e elencavam os ἐγκριθέντες (*egkrithéntes*; a serem incluídos em lista/aprovados). Pelo que se pode ler em determinadas obras, tal como a primeira ode de Horácio, para os autores romanos, pertencer a um cânone torna-se um objetivo, tendo em vista que essa listagem também influenciava a recepção e a historiografia literária, enquanto se compararam os novos textos com o cânone, e as obras eram organizadas em séries conforme sua excelência (Citroni, 2006a, pp. 211–212). Ademais, o desejo de integrar a seleção de textos lidos nas escolas e presentes em biblioteca pública pode ligar-se às benesses advindas da glória de um poeta, tanto pela almejada imortalidade de seu nome, como pelo – talvez mais importante – prestígio social atrelado ao favor do patronato dos poderosos; nesse sentido, é eloquente o exemplo de Horácio em suas relações com Mecenas e Augusto (Ferreira Lima, 2016, pp. 77–80).

Os critérios utilizados para que um autor integre um cânone variam: enquanto há um consenso quanto à posição absoluta de Homero, Citroni (2006a, p. 229) indica que haveria para Aristóteles, por exemplo, a necessidade de uma “... *rationality in the construction of the plot, and an organic appropriateness in the connection of the parts ...*”⁶. Já no período helenístico, busca-se a inovação frente aos modelos estabelecidos, não

² [N]ulla festinatio huius uiri mentionem transgredi debet; “pressa alguma deve suprimir a menção a este homem”.

³ [A]dmonet promissae breuitatis fides, quanto omnia transcursu dicenda sint; “o compromisso com a prometida brevidade determina o quanto se deve dizer sobre tudo neste sumário”..

⁴ Os textos elencados aqui visam apenas ilustrar o argumento. Não são os únicos publicados em língua portuguesa, e há autores na lista que têm mais de uma produção sobre o assunto.

⁵ Por vezes, Veleio faz referência a filósofos – como em 1.13.3, quando indica que Políbio e Panécio acompanhavam Cípião Africano em suas campanhas –, o que não será abordado neste texto, pois meu recorte enfoca-se nos comentários do historiador em relação a outros autores e a suas obras em termos de apreciação.

⁶ “...racionalidade na construção do enredo e uma adequação orgânica na conexão das partes...” (tradução da autora).

porque se considerava que fossem sem importância, mas por se enxergarem neles certa exaustão. Com essas mudanças, não necessariamente as proposições de Aristóteles aplicam-se às produções, o que não faz delas algo sem valor; alteram-se ao menos parte dos critérios (Citroni, 2006a, pp. 229–230), e assim sucessivamente. Em Roma:

[t]he literary texts that possessed a full canonical value up to the times of Cicero and during the Augustan age, and which were therefore the classics of Latin literature, were characterized by a superabundance of means of expression, an exasperation of pathos, and an attempt to obtain spectacular verbal effects...⁷ (Citroni, 2006a, p. 230)

Por vezes, temos acesso às listagens antigas, seja via textos literários – tal como a sátira 1.10, de Horácio, e a elegia 1.15 dos *Amores*, de Ovídio –, seja por textos mais específicos, como o livro 10 da *Instituição Oratória*, de Quintiliano. Isso nos permite comparar quem faz parte desse grupo seletivo, segundo quais critérios, em qual recorte de tempo, bem como por que alguém está elencado em determinado texto. Retomemos o último exemplo: em Quintiliano, compilam-se autores cujas obras poderiam contribuir para a formação de um orador. Além disso, dado o grau de acaso envolvido no processo de sobrevivência de textos antigos, muitas vezes é por meio dessas listagens que temos acesso a informações quanto à existência de determinados autores, suas obras e seu lastro. É o que ocorre, por exemplo, com Varrão Atacino, cuja produção foi quase inteiramente perdida⁸, mas cujo juízo acerca dela pode ser conferido em, pelo menos, Horácio, Propério, Ovídio, Sêneca, o Velho, Veleio Patérculo e Quintiliano (Mello, 2019, pp. 160–162).

No que diz respeito a Veleio, este é um dos primeiros historiadores latinos a abordar em sua obra apreciações literárias (Goar, 1976, p. 43; Pocinã Pérez, 1975, p. 232). Assim, embora se possa argumentar que a *História Romana* não tenha a mesma especificidade temática ou um impacto cultural⁹ como o que há a partir de um texto como a já citada *Instituição Oratória*, ou as *Noites Áticas*, de Aulo Gélio, as listagens oferecidas pelo historiador conservam algo sobre os autores nelas presentes e sua recepção, ao mesmo tempo que são ponto de relevo quanto à originalidade de sua proposta. Ademais, tanto o aspecto inovador como o fato de que há um apontamento quanto a tal abordagem derivar de uma disposição particular – cf. se verá em 1.16.1, o tema é *rem saepe agitatam animo meo* [“algo que frequentemente agita meu ânimo”] – contribuem para que se incline, aqui, à ideia de que os autores selecionados são influenciados por um certo gosto pessoal, e não por mera recolha mecânica e acrítica de cânones anteriores ou pela cópia daquilo que

⁷

Os textos literários que possuíam valor canônico pleno até a época de Cícero e durante o período de Augusto, e que, por isso, eram os clássicos da Literatura Latina, caracterizavam-se por uma superabundância de meios de expressão, uma exasperação do *páthos* e uma tentativa de obter efeitos verbais espetaculares...

⁸ Restam, apenas, cerca de 26 fragmentos de seus textos.

⁹ Pode-se citar que, por exemplo, Veleio quase não aparece em outros autores antigos: há uma menção de Prisciano e outra de um escoliasta de Lucano. Posteriormente, torna-se, entretanto, texto escolar na Inglaterra elizabetana e na França do século XVII (Sánchez Manzano, 2001, pp. 23–24).

poderia estar em Cornélio Nepos e a que não temos acesso hoje (Pocinã Pérez, 1975, p. 233–234).

A primeira menção a um autor ocorre após Veleio tratar da colonização, realizada pelos gregos, da Itália e da Ásia Menor:

[5.1] clarissimum deinde Homeri inluxit ingenium, sine exemplo maximum, qui magnitudine operis et fulgore carminum solus appellari poeta meruit; [2] in quo hoc maximum est, quod neque ante illum, quem ipse imitaretur, neque post illum, qui eum imitari posset, inuentus est. Neque quemquam alium, cuius operis primus auctor fuerit, in eo perfectissimum praeter Homerum et Archilochum reperiemus. [3] Hic longius a temporibus belli, quod composuit, Troici, quam quidam rentur, abfuit; nam ferme ante annos DCCCCL floruit, intra mille natus est. Quo nomine non est mirandum, quod saepe illud usurpat: οἷοι νῦν βροτοί εἰσιν; hoc enim ut hominum, ita saeculorum notatur differentia. Quem si quis caecum genitum putat, omnibus sensibus orbus est (Velleius Paterculus, *Historia Romana*, 1.5).

[5.1] Reluziu, depois, o tão notável talento de Homero, o melhor, sem comparação – o único que mereceu ser chamado de poeta pela grandeza de sua obra e pelo fulgor de seus cantos; [2] o que há de melhor quanto a ele é que não foi encontrado alguém antes dele a quem teria imitado, nem, após ele, quem o possa imitar. E, além de Homero e Arquíloco, não achamos qualquer outro que, sendo o primeiro autor de um gênero, tenha sido, nele, o mais perfeito. [3] (Homero) esteve mais distante dos tempos da guerra de Troia, sobre a qual compôs, do que alguns pensam: com efeito, floresceu há quase 950 anos; nasceu há, no máximo, mil anos. Por esse motivo, não admira que, com frequência, emprega esta (expressão): *hoīoi nŷn brotoi eisin*¹⁰ (“como agora são os mortais”); de fato, é por ela que se nota a diferença dos homens, assim como dos séculos. Quem pensa que ele era cego de nascença, está privado de todo o senso.

A presença de Homero, ainda mais como o primeiro a ser citado, não surpreende: conforme já mencionamos, por mais que os critérios de avaliação possam variar, e ainda que o aedo cochile (cf. Horácio, *Ars* 359), ele continuamente está elencado entre os grandes poetas. Claramente, Veleio afasta-se da tradição que coloca Homero como deficiente visual – assim como era Demódoco, na *Odisseia* –, e temos informações sobre possíveis datações, mas nos importa, neste texto, em específico, o que o historiador diz a respeito da produção do poeta.¹¹

Destaca-se, neste sentido, primeiramente seu *ingenium*, traduzido na passagem como “talento”. O conceito de *ingenium*, enquanto algo inerente para que o trabalho poético alcance glória é caro ao poetas, embora normalmente apareça acompanhado de *ars*. Conforme Wellington Ferreira Lima (2016, pp. 103–104):

[a] passagem mais célebre em que este duplo [*ars* e *ingenium*] se nos mostra é, sem dúvida, aquela em que Horácio afirma sua interdependência, mas o par é

¹⁰ Segundo Sánchez Manzano (2001, p. 54), a expressão foi inserida no trecho por Cláudio Puteano e, em Homero, pode ser encontrada na *Ilíada* 5.304; 12.383 e 649.

¹¹ Note-se que Homero é tratado como pessoa única, como foi corrente durante muito tempo. Aqui, não entrarei na famosa questão homérica, pois não a considero essencial para a análise que proponho.

recorrente, e, sempre que citado, seus termos são colocados em complementaridade. Horácio o retoma nas *Odes* (O. IV, 6), em que *Ars* e *Ingenium* são atributos do poeta que, juntamente com o renome, completam as dádivas de Apolo. Também Propércio (II, 24, 23) propõe-se a contender com o rival em *ingenio et arte*. Ovídio é ainda mais preciso na relação que estes dois termos desempenham: o engenho é suavizado pela arte (*A.A.* III, 545) ou a arte é como o freio que reprime o cavalo a correr (*Pont.* III, 9, 25–26). Desnecessária uma demonstração de como Horácio (*Pis. passim*) deixa explícito que *ars* é um fruto do trabalho, “suando, sofrendo o frio, abstendo-se do amor e do vinho”, “estudando e temendo o mestre” enquanto, como atesta a passagem citada, *ingenium* é um dom da natureza.

No trecho de Veleio, não há menção explícita à *ars*, que também seria necessária à construção de um grande nome via a glória da obra. De qualquer forma, Homero é posto como o único que realmente mereceu o rótulo de poeta devido ao ápice a que foi capaz de chegar dado o seu *ingenium*.

Junto a isso, há o fato de ter sido o primeiro em seu gênero, o que permite a Arquíloco estar junto a ele enquanto outro poeta que alcançara a perfeição ainda que tenha sido um inaugurador, ou seja, que não tivesse a quem imitar – como testemunha a décima sátira de Horácio ao tratar de Lucílio, ser um dos introdutores de um gênero não necessariamente garante que seus textos sejam perfeitos.¹² Com efeito, como se verá adiante em 17.1, o próprio Veleio apresenta certo julgamento quanto às primeiras tragédias e comédias romanas. De todo modo, ainda que se possa argumentar que a poesia é imitação, pois imitaria o real – cf. lemos em Tibulo, 2.1.51–54 –, Veleio refere-se a esse elemento em um sentido mais específico. Como expõe Paulo Sérgio de Vasconcellos (2001), a *imitatio*, em linhas gerais, é um processo em que o poeta reconhece a excelência daquele que o precede e, por isso, busca se igualar e, se possível, superar o modelo. Na versão da *História*, para Homero, não haveria um modelo poético que o precedesse, tal como ele antecede Virgílio, e este a Dante e Camões.

Veleio, entretanto, não somente aponta a falta de antecessores, como a amplia aos sucessores: *neque post illum, qui eum imitari posset* [“(...) nem, após ele, quem o possa imitar”]. Conforme indica Citroni (2006a, pp. 213–214; 220), havia uma expectativa de que os poetas que produziam epopeias em latim – como Lívio Andrônico, Nêvio, Ênio, Lúcio Vário Rufo – pudessesem se aproximar, no cânone latino, ao lugar equivalente ao de Homero no grego, o que, normalmente, considera-se que Virgílio teria realizado com sua *Eneida*, como anuncia Propércio, em 2.64. Depois, é ele que se torna o parâmetro a partir do qual os épicos buscam medir-se (Vessey, 1989, p. 613). Veleio, entretanto, não faz qualquer menção a um possível Homero latino, colocando, então, aquele que era considerado o autor da *Iliada* e da *Odisseia* como representante de uma excelência em seu gênero que seria inalcançável. Poder-se-ia justificar que o historiador, no momento, trata ainda da Grécia, evitando assim um aceno a Virgílio; todavia, esta não é a proposta a que me inclino, pois o argumento se enfraquece quando percebemos que no capítulo seguinte, faz-se referência ao poder que chega às mãos romanas após a submissão de

¹² Obviamente, é necessário levar em consideração os interesses de Horácio ao criticar seu antecessor, estando em posição diversa daquela de Veleio. Quintiliano (*Inst. Or.* 10.94), por exemplo, discorda de Horácio.

Cartago, demonstrando que haveria espaço para algo romano. De qualquer forma, como veremos mais à frente, Virgílio terá uma breve e elogiosa menção, em 2.36.3, ao se tratar especificamente da literatura do tempo de Augusto.

Considerando a referência a Arquíloco junto a Homero, a terceira apreciação de um autor a ter espaço na *História* é a de Hesíodo:

[7.1] huius temporis aequalis Hesiodus fuit, circa CXX annos distinctus ab Homeri aetate, uir perelegantis ingenii et mollissima dulcedine carminum memorabilis, otii quietisque cupidissimus, ut tempore tanto uiro, ita operis auctoritate proximus. Qui uitauit, ne in id quod Homerus incideret, patriamque et parentes testatus est, sed patriam, quia multatus ab ea erat, contumeliosissime (Velleius Paterculus, *Historia Romana*, 1.7.1).

[7.1] Deste mesmo tempo, distanciado da época de Homero por cerca de 120 anos, Hesíodo foi um homem memorável por seu talento tão elegante e pela doçura muito agradável de seus cantos; muito desejoso de ócio e de tranquilidade, está próximo àquele homem tanto pelo tempo como pela autoridade de sua obra. Ele evitou aquilo em que Homero incorrera e deu a conhecer sua pátria e seus parentes – mas a pátria injuriosamente, pois fora punido por ela.

Veleio segue a tradição de Apolodoro quanto à datação do autor; Aulo Gélio, por exemplo, demonstra que este era um tópico de discussão, conforme 3.11 e 17.21.3 (Sánchez Manzano, 2001, p. 56). Já a parte final do trecho indica que Hesíodo demarca claramente sua origem e sua família, não cometendo o que o historiador indica como uma falha de Homero, que, ao não falar de si, gera alguma disputa quanto a seu lugar de nascimento (Peirano, 2013, p. 268). De fato, em *Os trabalhos e os dias* (27–41), o poeta faz referências ao que teria sido um litígio contra seu irmão em relação a uma herança, por exemplo (Hesíodo, 2012).

Quanto à apreciação de sua produção, mais uma vez, destaca-se a presença do *ingenium* de um poeta adjetivado, aqui, de *perelegans*, ou seja, é algo além de elegante, de polido. Adicionado a isso, elogia-se a doçura de seus cantos, o que também é um elemento importante para a produção poética antiga. Conforme Horácio (*Ars* 1.334), por exemplo, há, nos poetas, o desejo de que se possa ser útil, deleitar ou as duas coisas ao mesmo tempo (Horácio, 1993). Liga-se, então, de modo mais ou menos explícito, a poesia de Hesíodo ao deleite, o que é coerente quando o dom das Musas é posto, na *Teogonia* (96–103), como lenitivo de aflições, pois também o canto das deusas é *glykeré* (doce) (Hesíodo, 1992). O *ingenium* do poeta e a *dulcedino* de seu canto granjeiam-lhe tanto um lugar na memória – note-se o uso de *memorabilis* –, como uma posição de autoridade que se aproxima – mas não se iguala – à de Homero.

Passemos ao próximo trecho. A partir daqui, o historiador coloca os autores em grupos maiores e, como se notará pelas notas de rodapé nesta e nas próximas citações, enumera alguns que, infelizmente, chegaram até nós em um estado precário ou cuja obra não sobreviveu:

[16.1] cum haec particula operis uelut formam propositi excesserit, quamquam intellego mihi in hac tam praecipiti festinatione, quae me rotae pronie

gurgitis ac uerticis modo, nusquam patitur consistere, paene magis necessaria praetereunda quam superuacanea amplectenda, nequeo tamen temperare mihi, quin rem saepe agitatam animo meo neque ad liquidum ratione perductam signem stilo. [2] Quis enim abunde mirari potest, quod eminentissima cuiusque professionis ingenia in eandem formam et in idem artati temporis congruere spatium, et quemadmodum clausa capso alioue saepto diuersi generis animalia nihilo minus, separata alienis in unum quaeque corpus congregantur, ita cuiusque clari operis capacia ingenia in similitudinem et temporum et profectuum semet ipsa ab aliis separauerunt. [3] Una neque multorum annorum spatio diuisa aetas per diuini spiritus uiros, Aeschylum, Sophoclen, Euripiden, illustrauit tragoediam; una priscam illam et ueterem sub Cratino Aristophaneque et Eupolide comoediam; ac nouam [comicam] Menander aequalesque eius aetatis magis quam operis Philemo ac Diphilus et inuenere intra paucissimos annos neque imitandam reliquere. [4] Philosophorum quoque ingenia Socratico ore defluentia omnium, quos paulo ante enumerauimus, quanto post Platonis Aristotelisque mortem floruere spatio? [5] Quid ante Isocratem, quid post eius auditores eorumque discipulos clarum in oratoribus fuit? Adeo quidem artatum angustiis temporum, ut nemo memoria dignus alter ab altero uideri nequierint (Velleius Paterculus, *Historia Romana*, 1.16).

[16.1] Ainda que esta partezinha possa exceder a forma desta obra, conquanto entenda que mais deve o necessário ser quase omitido do que o supérfluo abarcado, devido a esta tão precipitada pressa, que, como a de uma roda ou a da voragem corrente e de um redemoinho, nunca me permite parar, não posso, contudo, abster-me de registrar por escrito este assunto que frequentemente agita meu próprio ânimo e que não foi trazido, com razão, a claro. [2] De fato, quem pode admirar-se suficientemente que os talentos mais excelentes de cada profissão reúnam-se em uma mesma forma e em um mesmo período de tempo restrito? E do mesmo modo que animais de espécie diversa, fechados em uma jaula ou outro cercado, não obstante, ajuntam-se cada (espécie) em um único grupo, separados das demais, assim os talentos capazes de cada gênero notável separam-se eles próprios dos demais pela similaridade de tempo e também de êxito. [3] Uma única época, repartida em um período de não muitos anos, deu brilho à tragédia por meio de homens de inspiração divina: Ésquilo, Sófocles e Eurípides; uma única, àquela vetusta e velha comédia sob Crátino¹³, Aristófanes e Eupólido¹⁴; e Menandro e seus iguais – mais pela época do que pelas obras –, Filemo¹⁵ e Dífilo¹⁶, inventaram o novo cômico em pouquíssimos anos e o deixaram para que não pudesse ser imitado. [4] Do mesmo modo, os talentos de todos os filósofos, descendentes do discurso socrático, que pouco antes enumeramos¹⁷, foram florescer quanto tempo após a morte de Platão e Aristóteles? [5] Entre os oradores, quem antes de Isócrates, qual de seus estudantes e discípulos foi notável após ele? Certamente, estavam a tal ponto restritos em uma curta duração de tempo, que não era possível que alguém digno de memória não fosse visto por um outro alguém (igual).

¹³ Crátino de Atenas teria vivido de 520–515 a 423 AEC e redigido mais de 20 comédias.

¹⁴ Autor da segunda metade do século V AEC, sua obra sobrevive de forma fragmentária.

¹⁵ Rival mais velho de Menandro, de suas 100 peças, restam 60 de modo fragmentário.

¹⁶ Autor da segunda metade do século IV AEC, teria influenciado Plauto e Terêncio. Restam apenas fragmentos e os títulos de algumas de suas obras.

¹⁷ Esta menção aqui referenciada não ocorre naquilo a que temos acesso do texto de Veleio.

O narrador faz um apelo a seu leitor: se por um lado a temática e as condições de escrita não favorecem aquilo que deseja abordar naquele momento, mesmo assim abre uma espécie de parêntese para uma reflexão – que considera fundamental –, não sobre o ato da escrita, mas sobre a excelência em seu exercício. Aqui, então, Veleio, a partir do uso de um símile, realiza uma observação que irá permear as demais passagens em que trata da obra de outros autores: os grandes talentos costumam reunir-se em um breve espaço de tempo. Além disso, há uma ideia que já estava presente na apreciação de Homero: quando a excelência é atingida por esses autores, seus sucessores não conseguem, de fato, igualar-se a eles. Tais propostas serão desenvolvidas no capítulo seguinte ao tratar dos romanos:

[17.1] neque hoc in Graecis quam in Romanis euenit magis. Nam nisi aspera ac rudia repetas et inuenti laudanda nomine, in Accio circaque eum Romana tragoequia est; dulcesque Latini leporis facetiae per Caecilium Terentiumque et Afranium subpari aetate nituerunt. [2] Historicos etiam, ut Liuum quoque priorum aetati adstruas, praeter Catonem et quosdam ueteres et obscuros minus octoginta annis circumdatum aeuum tulit, ut nec poetarum in antiquius citeriusue processit ubertas. [3] At oratio ac uis forensis perfectumque prosae eloquentiae decus, ut idem separetur Cato (pace P. Crassi Scipionisque et Laelii et Gracchorum et Fannii et Seruui Galbae dixerim) ita uniuersa sub principe operis sui erupit Tullio, ut delectari ante eum paucissimis, mirari uero neminem possis nisi aut ab illo uisum aut qui illum uiderit. [4] Hoc idem euenisse grammaticis, plastis, pictoribus, scalptoribus quisquis temporum institerit notis, reperiet, eminentiam cuiusque operis artissimis temporum claustris circumdatam. [5] Huius ergo recendentis in quodque saeculum ingeniorum similitudinis congregantisque se et in studium par et in emolumentum causas cum saepe requiro, numquam reperio, quas esse ueras confidam, sed fortasse ueri similes, inter quas has maxime. [6] Alitur aemulatione ingenia, et nunc inuidia, nunc admiratio imitationem accedit, naturaque quod summo studio petitum est, ascendit in summum difficultisque in perfecto mora est, naturaliterque quod procedere non potest, recedit. [7] Et ut primo ad consequendos quos priores ducimus accendimur, ita ubi aut praeteriri aut aequari eos posse desperauimus, studium cum spe senescit, et quod adsequi non potest, sequi desinit et uelut occupatam relinquens materiam quaerit nouam, praeteritoque eo, in quo eminere non possumus aliquid, in quo nitamur, conquirimus, sequiturque ut frequens ac mobilis transitus maximum perfecti operis impedimentum sit (Velleius Paterculus, *Historia Romana*, 1.17).

[17.1] E isso não ocorreu mais com os gregos do que com os romanos. Com efeito, a não ser que voltes às grosseiras e rudes que devem ser louvadas apenas pela invenção, a tragédia romana está em Ácio¹⁸ e a seu redor; e os doces, delicados gracejos latinos resplandeceram, quase na mesma época, com Cecílio¹⁹, Terêncio e Afrânio.²⁰ [2] Também quanto aos historiadores, se, do mesmo modo, inseres Lívio na época dos anteriores, salvo Catão e outros antigos e obscuros, tem-se uma

¹⁸ Lúcio Ácio, autor da virada para o século I AEC, sobrevive em fragmentos.

¹⁹ Cecílio Estácio, autor da virada para o século II AEC, teria origem céltica e sido amigo de Ênio. Sua obra sobrevive de forma fragmentária.

²⁰ Lúcio Afrânio foi um comediógrafo do início do século I AEC. Também sua obra está em estado fragmentário, restando um número bem menor de versos do que o de Cecílio.

duração limitada de menos de 80 anos, e, nem antes ou mais recentemente, prosperou a abundância de poetas. [3] E a oratória, a força forense e o ornamento perfeito da prosa eloquente, se, igualmente, excetuado Catão – permita-me que diga: Públia Crasso²¹, Cipião, Lélio, os Gracos, Fânio²² e Sérvio Galba²³ –, assim todas irromperam com Túlio [Cícero], o principal de seu gênero; enquanto pouquíssimos antes dele deleitavam, sem dúvida, não podes te admirar com alguém que não tenha sido visto por ele ou que não o tenha visto. [4] Qualquer um que se debruce sobre os eventos do tempo descobrirá que o mesmo ocorreu com gramáticos, escultores, pintores, gravadores: a excelência de cada gênero está circunscrita a um espaço muito constrito de tempo. [5] Por isso, frequentemente, quando busco as causas de talentos similares apartarem-se e se reunirem em certo século para semelhante ocupação e resultado, nunca encontro (causas) que sejam fatos, mas, talvez, símiles aos fatos, das quais estas são as melhores: [6] os talentos alimentam-se pela rivalidade; ora a inveja, ora a admiração instiga a imitação; por natureza, o que é buscado com máximo estudo alça-se ao máximo; o difícil é um obstáculo para a perfeição, e, naturalmente, o que não pode avançar, retrocede. [7] E, se somos instigados a seguir aqueles que julgamos que nos precedem, quando não temos, assim, confiança em poder ou os superar, ou nos igualar a eles, o estudo fenece junto à esperança, e o que não pode ser perseguido cessa de ser seguido e, deixando a matéria como se propriedade alheia, busca uma nova, e, preferido aquilo em que não podemos ser excelentes, procuramos algo a que nos esforçar, e segue-se que a transição frequente e inconstante seja o maior impedimento para uma obra perfeita.

Chama a atenção a ausência de Plauto na lista. Frederick Shipley (1924, p. 42), um dos tradutores da obra para o inglês, aventa a possibilidade de que o juízo de Horácio (*Ars* 270) poderia ter influenciado a opinião sobre o autor. Andrés Pociña Pérez (1975, pp. 238–240), que discute o silêncio do historiador em relação a Plauto e a Ênio, propõe que ele ocorre devido às opiniões literárias correntes em sua época, segundo as quais Plauto seria considerado mais zombeteiro e popular em comparação a Terêncio, mais sério e, de certa forma, aristocrático, havendo, então, uma preferência por este em detrimento daquele:

[e]n consecuencia, resulta lógico que queden eliminados de la comedia palliata no sólo Plauto, sino también Nevio; de la comedia togata la figura primordial de su fundador, Titinio; por último, que no se haga referencia alguna a los mimógrafos, cultivadores del subgénero cómico de mayor vigencia, pero de naturaleza eminentemente popular.²⁴ (Pociña Pérez, 1975, p. 240)

²¹ Públia Licínio Crasso Dives Muciano, cônsul em 131 AEC.

²² Seria ou o cônsul em 122 AEC ou o filho de Marco Fânio.

²³ Sérvio Sulpício Galba, cônsul em 144 AEC.

²⁴

Consequentemente, é lógico que se eliminem da comédia *palliata* não só Plauto, mas também Névio; da comédia *togata* a figura primordial de seu fundador, Titinio; por último, que não se faça referência alguma aos autores de mimos, cultivadores do subgênero cómico de maior relevância, mas de natureza eminentemente popular.

Para Citroni (2006a, p. 217), por outro lado, a falta do comediógrafo seria justificada pelo critério de recorte de Veleio – a temporalidade –, contudo, aponto que, embora busque manter sua proposta de que o *ingenium* digno de destaque esteja delimitado em um curto espaço de tempo, em Roma, mostra-se necessário que o historiador abra exceções para a prosa, seja ela histórica ou retórica. Plauto não parece ser considerado relevante o suficiente para que tenha o mesmo tratamento.

De todo modo, reaparecem conceitos chave para Veleio na definição do cânone que tem construído: a presença de talento e a doçura do canto. Já neste ponto, então, é explícita a capacidade de deleitar de Cícero como um elemento que o diferencia dos demais.

Conforme prometera fazer no início de 1.16, Veleio busca discutir sua proposição argumentando que é o processo de rivalidade, de *imitatio*, que permite aos talentos desenvolverem-se em proximidade uns aos outros. Além disso, a explicação para que não possam ser superados por seus sucessores estaria no fato de que estes teriam consciência da dificuldade em relação àqueles que os precedem, o que os desanimaria em seu empenho. Por um lado, o julgamento parece um tanto injusto, principalmente quando a maior parte dos grandes nomes da literatura latina destacam-se por um processo de *imitatio* dos modelos gregos: se Menandro deixa o gênero cômico como inimitável, como Terêncio, então, poderia tê-lo feito? Por outro lado, há a ideia de que esses nomes latinos merecem destaque exatamente por se terem dedicado a uma tarefa de grande dificuldade com afinco; acena-se então o conceito de *ars*: é necessário um longo esforço, aliado ao talento, para que se alcance o lugar de autoridade, de referência, via uma obra considerada perfeita.

No último capítulo do primeiro livro da *História Romana* a que temos acesso, Veleio diz que passará à condição das cidades, destacando a concentração de talentos que havia em Atenas: “...*adeo ut corpora gentis illius separata sint in alias ciuitates, ingenia uero solis Atheniensium muris clausa existimes*” (Velleius Paterculus, *História Romana*, 1.18.1) “[“[a] tal ponto que avaliarias que, enquanto grupos de sua gente estavam divididos em outras cidades, os talentos, sem dúvida, estariam fechados somente nos muros atenienses”]. Interessa-nos mais a parte final:

[2] neque hoc ego magis miratus sim quam neminem Argium, Thebanum, Lacedaemonium oratorem aut dum uixit auctoritate aut post mortem memoria dignum existimat. [3] Quae urbes et in alia talium studiorum fuere steriles, nisi Thebas unum os Pindari inluminaret: nam Alcmana Lacones falso sibi uindicant (Velleius Paterculus, *História Romana*, 1.18.2–3).

[2] E, por isso, não mais me admira que nenhum dos argivos, tebanos, lacedemônios seja avaliado como um orador digno ou, enquanto vive, por sua autoridade, ou, após a morte, por sua memória. [3] Essas e outras urbes foram estéreis em tais estudos, a não ser pela voz única de Píndaro a resplandecer em Tebas; com efeito, os da Lacônia reclamam falsamente Álcman para si.

Toca-se em dois elementos a que já fizemos menção – a autoridade e a imortalidade do autor via a fama de sua obra –, os quais, nesse caso, estão limitados a Atenas, principalmente no que concerne à oratória. Não se fala muito que se possa discutir quanto

aos líricos citados – tal como já ocorrera com Arquíloco acima –, além da adjetivação conferida a Píndaro. Com efeito, também Horácio (*Carm. 4.2.1–24*) considera que o poeta tebano era inigualável (Horácio, 2021), o que contribui para justificar a descrição de Veleio como “*unum os*”.

O historiador retorna a uma listagem de autores no segundo livro. Vejamos²⁵:

[9.1] eodem tractu temporum nituerunt oratores Scipio Aemilianus Laeliusque, Ser. Galba, duo Gracchi, C. Fannius, Carbo Papirius; nec praetereundus Metellus Numidicus et Scaurus, et ante omnes L. Crassus et M. Antonius: [2] quorum aetati ingeniisque successere C. Caesar Strabo, P. Sulpicius; nam Q. Mucius iuris scientia quam proprie eloquentiae nomine celebrior fuit. [3] Clara etiam per idem aeui spatium fuere ingenia, in togatis Afranii, in tragoeidiis Pacuui atque Accii, usque in Graecorum ingeniorum comparationem euecti magnumque inter hos ipsos facientis operi suo locum, adeo quidem, ut in illis limae, in hoc paene plus uideatur fuisse sanguinis. [4] Celebre et Lucilii nomen fuit, qui sub P. Africano Numantino bello eques militauerat. Quo quidem tempore iuuenes adhuc Iugurtha ac Marius sub eodem Africano militantes in iisdem castris didicere, quae postea in contrariis ficerent. [5] Historiarum auctor iam tum Sisenna erat iuuenis, sed opus belli ciuilis Sullanique post aliquot annos ab eo seniore editum est. [6] Vetustior Sisenna fuit Caelius, aequalis Sisennae Rutilius Claudiusque Quadrigarius et Valerius Antias. Sane non ignoremus eadem aetate fuisse Pomponium sensibus celebrem, uerbis rudem et nouitate inuenti a se operis commendabilem (Velleius Paterculus, *História Romana*, 2.9).

[9.1] Em um mesmo intervalo de tempo, resplandeceram os oradores Cípião Emiliano e Lélio, Sérvio Galba, os dois Gracos, Caio Fânio, Carbo Papírio²⁶; e não devem ser omitidos Metelo Numídico²⁷ e Escauro²⁸, e antes de todos Lúcio Crasso²⁹ e Marco Antônio³⁰: [2] sucederam sua idade e talento Caio César Estrabão³¹, Públia Sulpício³²; Quinto Múcio³³ foi, com efeito, mais célebre pelo conhecimento das leis do que, especificamente, pela eloquência. [3] Também, naquele mesmo espaço de tempo, houve talentos notáveis: nas togadas, o de Afrânia³⁴; nas tragédias, os de Pacúvio³⁵ e de Ácio, que até chegou a ser comparado aos talentos gregos, tendo obtido, com sua própria obra, um lugar elevado entre eles, ainda que parecesse haver quase mais burilamento neles do que neste vigor. [4] O nome de Lucílio também foi célebre, o qual serviu como cavaleiro sob Públia Africano na Guerra Numantina. Naquele tempo em que Jugurta e Mário eram ainda jovens, servindo sob o mesmo Africano, aprenderam em um mesmo acampamento aquilo que,

²⁵ As notas sobre os oradores neste trecho seguem as informações presentes em Sánchez Manzano (2001, pp. 98–99). Muitas delas partem do *Bruto*, de Cícero.

²⁶ Caio Papírio Carbão, cônsul em 120 AEC e amigo de Tibério Graco.

²⁷ Cônsul em 109 AEC.

²⁸ Marco Aurélio Escauro, cônsul *suffectus* em 108 AEC.

²⁹ Lúcio Licínio Crasso, o Orador, aparece como personagem no *Sobre o orador*, de Cícero. Foi cônsul em 95 AEC e censor em 92.

³⁰ Marco Antônio, o Orador, cônsul em 99 AEC e censor em 97. É avô do triúnviro.

³¹ Caio César Estrabão também aparece como personagem no *Sobre o orador*.

³² Tribuno em 88 AEC, foi decapitado por ordem de Sula.

³³ Cônsul em 95 AEC.

³⁴ Lúcio Afrânia, comediógrafo do início do século I AEC. Sua obra sobrevive de modo fragmentário.

³⁵ Marco Pacúvio, tragediógrafo da virada para o século II AEC. Cícero cita-o em seu *Sobre o melhor gênero de oradores*, o que contribui com sua sobrevivência apesar de fragmentária.

posteriormente, usariam contra o outro. [5] Já então o autor das *Histórias*, Sisena³⁶, era jovem, mas a obra sobre a guerra civil e Sula foi editada, após alguns anos, por ele já idoso. [6] Mais antigo que Sisena foi Célio³⁷; contemporâneos a Sisena foram Rutílio³⁸, Cláudio Quadrigário³⁹ e Valério Antias.⁴⁰ Não ignoremos, por certo, que naquela mesma época havia Pompônio⁴¹, célebre por seus pensamentos, rude por seu estilo e recomendável pela novidade da obra que inventou.

Parte desses autores, como Sérvio Sulpício Galba e Ácio, já fora mencionada anteriormente. Para além daquilo já comentado e presente também aqui, destacam-se elementos críticos em relação a nomes específicos: Quinto Múcio teria uma habilidade desenvolvida via *ars*; Ácio, por outro lado, é posto como comparável aos gregos segundo eles próprios, ainda que sua *ars* devesse algo a seu vigor; Pompônio é recomendável pela novidade de sua obra, mas não com o mesmo entusiasmo que vimos com Homero e Arquíloco. Observe-se como ser romano e conseguir reconhecimento entre os gregos é um fato notável, tendo em vista que a literatura latina busca imitar os critérios de qualidade estabelecidos a partir da grega (Citroni, 2006a, p. 212). Assim, seria como se a excelência de Ácio fosse ainda mais reconhecida do que a de seus pares que não teriam a mesma apreciação, mesmo que canônicos aos olhos romanos.

Finalmente, o último trecho que, aqui, recorto da *História Romana* é:

[36.1] consulatui Ciceronis non mediocre adiecit decus natus eo anno diuus Augustus abhinc annos LXXXII, omnibus omnium gentium uiris magnitudine sua inducturus caliginem. [2] Iam paene superuacaneum uideri potest eminentium ingeniorum notare tempora. Quis enim ignorat diremptos gradibus aetatis floruisse hoc tempore Ciceronem, Hortensium, anteque Crassum, †Catonem, Sulpicium, moxque Brutum, Calidum, Caelium, Caluum et proximum Ciceroni Caesarem eorumque uelut alumnos, Corunum ac Pollionem Asinum, aemulumque Thucydidis Sallustium, auctoresque carminum Varronem ac Lucretium neque ullo in suspecti operis sui carmine minorem Catullum. [3] Paene stulta est inhaerentium oculis ingeniorum enumeratio, inter quae maxime nostri aeui eminent princeps carminum Vergilius Rabiriusque et consecutus Sallustium Liuius Tibullusque et Naso, perfectissimi in forma operis sui; nam uiuorum ut magna admiratio, ita censura difficultis est (Velleius Paterculus, *História Romana*, 2.36).

[36.1] Não pouca glória foi acrescida àquele ano do consulado de Cícero⁴² com o nascimento, há 92 anos, do divo Augusto, determinado a eclipsar com sua

³⁶ Lúcio Cornélio Sisena, pretor em 78 AEC.

³⁷ Lúcio Célio Antípatro, escreveu anais e uma obra sobre a Segunda Guerra Púnica, das quais restam fragmentos.

³⁸ Públuo Rutílio Rufo, cônsul em 105 AEC. Escreveu uma autobiografia e uma História em grego durante seu exílio em Esmirna.

³⁹ Quinto Cláudio Quadrigário viveu, provavelmente, durante o século I AEC e escreveu anais que se estenderiam da conquista de Roma pelos gauleses até a morte de Sula.

⁴⁰ Autor de anais, foi uma das fontes de Tito Lívio.

⁴¹ Autor do início do século I AEC, escreveu farsas atelanas (*atellanae fabulae*).

⁴² O talento de Cícero, que já fora realçado em 1.17.3, também aparece em 2.43.3, em que se aborda a ascensão do orador a partir de uma origem humilde e a denúncia de Catilina, e em 2.66, quando Veleio lamenta sua morte e repreende Antônio por a ter causado. Não comento, aqui, esses aspectos do retrato de Cícero presentes na *História Romana* pois, dada a limitação de espaço, eles terão um texto específico futuramente.

própria grandeza todos os homens de todas as gentes. [2] Pode parecer já quase supérfluo notar a eminência dos talentos daqueles tempos. Quem, de fato, ignora que, separados por gerações, floresceram nesse tempo Cícero, Hortênsio⁴³, e, antes, Crasso, Catão, Sulpício⁴⁴, e, logo, Bruto, Calídio⁴⁵, Célio⁴⁶, Calvo e César, próximo de Cícero, e, como se fossem alunos dele, Corvino⁴⁷ e Asínio Polião⁴⁸, e Salústio, êmulo de Tucídides, e os autores de poemas Varrão, Lucrécio e Catulo, de cujos poemas não há suspeita de serem menores. [3] É quase tola a enumeração dos talentos que estão próximos aos nossos olhos, dentre os quais se destacam ao máximo o principal poeta de nosso tempo, Virgílio, Rabírio⁴⁹, Lívio, seguidor de Salústio, Tibulo e Nasão, mais perfeitos pela forma de suas obras; com efeito, tal como a admiração dos vivos é mais difícil, assim também é a censura.

Há um trabalho retórico no trecho: o historiador aponta a superfluidez da lista, dada a proximidade histórica de que ele e seu leitor imediato têm dos nomes elencados e, não obstante, a apresenta. O cânone de Veleio que diz respeito ao final da República e ao início do Império pode trazer alguma surpresa a seu público atual: Rabírio, por exemplo, que é uma indicação de leitura um tanto contida de Quintiliano – “*si ualet*” (*Inst. Or.* 10.90) –, aparece ao lado de Virgílio como um dos que mais se destacam.

Além disso, a ausência de Horácio é digna de nota, pois dificilmente ocorreria por mero descuido tendo em consideração sua importância no cânone – conforme se pode observar em Quintiliano (cf. *Inst. Or.* 10.94 e 96, por exemplo) –, sua proximidade a Mecenas e Augusto e a histórica em relação a Veleio, bem como a semelhança de ideias entre o historiador e o poeta, como já se indicou até aqui. Ainda que não nos seja possível precisar um motivo para ela, destaco a proposição de Robert Goar (1976, p. 45) a respeito de que o poeta poderia ter sido omitido da *História Romana* devido a uma possível antipatia de Tibério. Como a obra tem tons elogiosos quanto ao imperador, ao ponto de ser acusada de ser demasiado panegírica, seria congruente que Veleio buscasse se desviar de qualquer desprazer de seu governante, sobretudo quando teria consciência de que, poucos anos antes, o historiador Cremúcio Cordo fora condenado por violar a *lex maiestas* ao chamar Bruto e Cássio de “os últimos romanos” em seu texto (Goar, 1976, p. 45).

De qualquer forma, a relação traçada entre os autores na passagem destacada liga-se a determinado posicionamento quanto à produção de seus antecessores, já discutido anteriormente. Assim, Messala e Polião são postos como comparáveis a alunos de Cícero; Tucídides é emulado por Salústio que por sua vez o é por Lívio em uma cadeia de excelência. Veleio comprova, assim, sua proposta via exemplo.

⁴³ Quinto Hortênsio Hórtalo, cônsul em 69 AEC, foi amigo de Cícero. Seus discursos se perderam.

⁴⁴ Púlio Sulpício Rufo, tribuno da plebe em 88 AEC, é colocado, por Cícero, como personagem de seu *Sobre o orador*.

⁴⁵ Marco Calídio, orador da primeira metade do século I AEC.

⁴⁶ Marco Célio Rufo foi defendido por Cícero, cf. *Em defesa de Célio* (Cícero, 2013).

⁴⁷ Marco Valério Messala Corvino, conhecido pelo “círculo de Messala” de que faziam parte Tibulo e Ovídio.

⁴⁸ Caio Asínio Polião, cônsul em 40 AEC. É mencionado por Virgílio (2005) em suas *Bucólicas*, 4.10–11, e por Horácio (2021) nas *Odes*, 2.1.

⁴⁹ Caio Rabírio. Considera-se que fragmentos de hexâmetros que tratam do final da guerra civil entre Antônio e Otaviano e encontrados em Herculano seriam de sua autoria.

3. Conclusão

Conforme a *captatio benevolentiae* apresentada por Veleio para que possa tratar de um assunto que não necessariamente se adequaria a uma obra histórica, o tema do cânone literário grego e latino é caro ao autor, e, ao contrário de o tratar em um grande bloco, o historiador o dilui ao longo dos dois livros de sua *História Romana*. Os comentários por ele apresentados são um tanto generalistas, muitas vezes se limitando à listagem de autores agrupados conforme o gênero a que se dedicam, o que faz sentido dadas não só a *breuitas* e a *festinatio* que regem sua proposta, como a inovação que representa dentro do gênero em que se insere.

Mais do que uma apreciação a respeito dos autores em particular, Veleio dedica-se à certa reflexão sobre a excelência no ato da escrita. Observa-se o relevo dado ao *ingenium*, enquanto também se destaca o uso da *ars* para a produção de uma obra considerada perfeita. Também o deleite aparece como elemento diferenciador das produções. Dessa forma, Veleio segue uma tendência de critérios presente em outros autores, como Horácio. Adicionalmente, o historiador aponta a temporalidade como uma questão a ser observada, pois acredita que esta é delimitada pela excelência dos autores, sendo sua proximidade que permitiria que os processos de *imitatio* ocorram. Assim, quando os sucessores estão distanciados no tempo, notariam a dificuldade de rivalizar com seus modelos e, por isso, abandonariam a *ars* necessária para que se alcance a glória e a autoridade ligada ao cânone.

Por vezes, as listagens apresentadas por Veleio podem surpreender seu leitor atual, que nota faltas de nomes como Plauto e Horácio, mas presenças como a de Rabírio ao lado de Virgílio, as quais têm sido discutidas e justificadas de diferentes formas ao longo do tempo (Goar, 1976; Pocinã Pérez, 1975). Não se pode perder de vista, entretanto, a influência de um provável gosto pessoal de Veleio em seu cânone; ao menos o historiador teria a vantagem do acesso aos textos de que não usufruímos.

Ao fim, apesar de a obra não ter a especificidade temática dos textos de Quintiliano e de Aulo Gélio, por exemplo, e além da possibilidade de uma reflexão quanto ao uso de critérios e sua continuidade para a avaliação desses nomes, a lista de autores presentes na *História Romana* tem importância como uma das poucas fontes de que dispomos acerca de autores cujas obras perderam-se total ou parcialmente ao longo do tempo.

Referências

- Cícero. (2013). Em defesa de Célio (Trad. Sara Mariana Moreira Maurício). In: S. M. M. Maurício, *Cícero: em defesa de Célio* (Dissertação de mestrado, Universidade de Coimbra, Coimbra, pp. 40-75). <http://hdl.handle.net/10316/23960>
- Cornell, T. & Bispham, E. (Orgs.). (2013). *The fragments of the Roman historians: texts and translations* (Vol. 2). Oxford University Press.
- Gélio, A. (2010). *Noites áticas* (2.ª ed., J. R. S. Filho, Trad.). EDUEL.
- Hesíodo. (1992). *Teogonia: a origem dos deuses* (2.ª ed., Trad. J. Torrano, Trad.). Iluminuras.
- Hesíodo. (2012). *Os trabalhos e os dias* (A. R. de Moura, Trad.). Segesta.

- Horácio. (1993). Arte poética: bilíngue (D. Tringali, Trad.). In D. Tringali, *A arte poética de Horácio: bilíngue*. Musa.
- Horácio. (2011). Sátiras (A. L. Seabra, Trad.). EDIPRO.
- Horácio. (2021). *Odes: inclui o cântico secular* (P. B. Falcão, Trad.). Editora 34.
- Ovídio. (2011). Amores. In Ovídio, *Amores e Arte de amar* (C. A. André, Trad., pp. 101–238). Companhia das Letras.
- Propércio. (2014). *Elegias de Sexto Propércio* (G. G. Flores, Trad.). Autêntica.
- Quintiliano. (2009). Livro X da Institutio oratoria (Trad. A. M. Rezende, Trad.). In A. M. Rezende, *Rompendo o silêncio: a construção do discurso oratório em Quintiliano* [Tese de doutoramento, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, pp. 184-274]. <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/ALDR-7U8PNU>
- Tibulo. (1990). Elegias (J. B. T. Prado, Trad.). In J. B. Prado, *Elegias de Tibulo* [Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo]. <https://repositorio.usp.br/item/000733568>
- Velleius Paterculus, C. (1965). *Historiae romanae libris duobus quae supersunt* (2.^a ed., C. S. de Pritzwald, Ed.). Teubner.
- Virgílio. (2005). *Bucólicas: edição bilíngue* (R. Carvalho, Trad.). Crisálida.

Estudos

- Campos, R. da C. (2011). A passagem de Augusto e a ascensão política de Tibério César: a transmissão do poder em Veléio Patérculo. *Antiguidade Clássica*, 6(2), 91–106. http://antiguidadeclassica.com.br/website/edicoes/sexta_edicao/Artigo8.pdf
- Campos, C. E. da C. (2021). A masculinidade de Otaviano sob ataque: relações de poder e potencialidade para liderança de Roma, no século I AEC. *História Unisinos*, 25 (1), 1–7. <https://doi.org/10.4013/hist.2021.251.01>
- Citroni, M. (2006a). The concept of the classical and the canons of model authors in Roman Literature (R. A. Packham, Trad.). In J. I. Porter (Ed.), *Classical pasts: the classical traditions of Greece and Rome* (pp. 204–234). Princeton University Press. <https://doi.org/10.2307/j.ctv19fvxqg.12>
- Citroni, M. (2006b). Historiografia e erudição desde Tibério até Cláudio. In M. Citroni et al., *Literatura de Roma Antiga* (M. Miranda & I. Hipólito, Trads., pp. 661–689). Fundação Calouste Gulbenkian.
- Domainko, A. (2018). Velleius Paterculus: shutting down uncertainty. In A. Domainko, *Uncertainty in Livy and Velleius*. (pp. 63–113). C. H. Beck. <https://doi.org/10.4000/books.chbeck.1892>
- Ferreira Lima, W. (2016). *Poética e teoria da literatura na Roma clássica* [Tese de doutoramento, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte]. <http://hdl.handle.net/1843/LETR-ABZSBM>
- Goar, R. J. (1976). Horace, Velleius Paterculus and Tiberius Caesar. *Latomus*, 35(1), 43–54. <http://www.jstor.org/stable/41533480>
- Gonçalves, A. T. M. & Souza, A. M. de. (2020). Caio Graco e a ordem equestre no final da República Romana: uma análise da Lex Repetundarum. *Phoinix*, 14(1), 68–82. <https://revistas.ufrj.br/index.php/phoinix/article/view/33120>
- Glare, P. G. W. (Ed.). (1968). *Oxford Latin dictionary*. Oxford University Press.

- Leite, L. R. (2019). A farsália, de Lucano, como obra historiográfica. *ArtCultura*, 21(38), 59–72. <https://doi.org/10.14393/artc-v21-n38-2019-50159>
- Lopes, M. J. F. (2018). De princeps optimus a occultum pectus: a construção do perfil de Tibério, nas palavras de Veleio Patérculo e Tácito. In C. Soares, J. L. Brandão & P. C. Carvalho (Coords.), *História antiga: relações interdisciplinares. Fontes, artes, filosofia, política, religião e receção* (pp. 113–145). Imprensa da Universidade de Coimbra. <https://hdl.handle.net/10316.2/44721>
- Mello, J. F. (2019). Os fragmentos de Varrão Atacino: tradução e notas. *Nuntius Antiquus*, 15(2), 159–176. <https://doi.org/10.17851/1983-3636.15.2.159-176>
- Peirano, I. (2013). Ille ego qui quondam: on authorial (an)onymity. In A. Marmodoro & J. Hill (Eds.), *The author's voice in classical and late antiquity* (pp. 251–285). Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199670567.003.0010>
- Pociña Pérez, A. (1975). La ausencia de Enio y Plauto en los excursos literarios de Velejo Patérculo. *Cuadernos de Filología Clásica*, 9, 231–240. <https://revistas.ucm.es/index.php/CFCA/article/view/CFCA7575220231A>
- Sánchez Manzano, M. A. (2001). Introducción y notas. In Velejo Patérculo, *História Romana* (pp. 7–41). Gredos.
- Shipley, F. W. (1924). Introduction and notes. In V. Patterculus, *Velleius Paterculus' compendium of Roman history, and res gestae divi Augusti* (F. W. Shipley, Trad.). G. P. Putnam's Sons.
- Souza, A. M. de. (2013). Amizade e patronato: uma análise da relação de Velejo Patérculo e Marco Vinício (séc. I d. C.). *Revista Alétheia*, 8(1), 156–173. <https://periodicos.ufrn.br/aletheia/article/view/6172>
- Starr, R. J. (1980). Velleius' literary techniques in the organization of his history. *Transactions of the American Philological Association*, 110, 287–301. <https://doi.org/10.2307/284223>
- Starr, R. J. (1981). The scope and genre of Velleius' history. *The Classical Quarterly*, 31(1), 162–174. <http://www.jstor.org/stable/638468>
- Vasconcellos, P. S. (2001). *Efeitos intertextuais na Eneida de Virgílio*. Humanitas/FFLCH/USP.
- Vessey, D. W. T. C. (1989). Épica flávia. In E. J. Kenney & W. V. Clausen (Eds.). *História de la literatura clásica – Cambridge University: literatura latina* (E. Bombín, Trad. Vol. 2, pp. 613–652). Editorial Gredos.

[recebido em 21 de maio de 2025 e aceite para publicação em 26 de setembro de 2025]